

Fiesp estima superávit bem maior

Luiz Eulálio acha que fechamos o ano com saldo de US\$ 11 bilhões

Da correspondente

São Paulo — O bom desempenho das exportações neste primeiro trimestre levou ontem os membros do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) a prever um superávit comercial neste ano de algo próximo a US\$ 11 bilhões, superior, portanto, aos US\$ 9 bilhões projetados pelo Governo. A informação foi transmitida pelo presidente da Fiesp, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho, acrescentando que, pelos cálculos do Conselho, esse superávit maior poderá provocar o crescimento de um por cento no Produto Interno Bruto (PIB).

Ao comentar os números de janeiro referentes ao nível de atividades da indústria, o presidente da Fiesp observou que, à exceção dos setores de bens de capital sob encomenda e construção civil, que até agora não apresentaram melhoria, as outras áreas da indústria estão passando por uma "modesta recuperação", mas que ninguém pode garantir que já é definitiva.

A responsabilidade dessa recuperação, no entender do empresário, deve ser atribuída ao aumento das exportações, ao controle do déficit público e ao cumprimento das metas de expansão monetária e dos meios de pagamento, acordadas pelo Governo com o FMI. Os membros do Conselho de Economia também têm uma expectativa de que o superávit da balança comercial deverá superar a meta de 9 bilhões de dólares fixada para este ano.

SUPERÁVIT MAIOR

As previsões mais otimistas dão conta de um superávit da ordem de 11 bilhões de dólares que, aliado ao superávit fiscal, permitiria uma folga na base monetária e diminuiria as taxas de juros. Esse aumento das exportações, descontados os programas de substituição e a política de restrição de importações é real, afirma Luiz Eulálio, e pode até provocar uma reversão das metas para o PIB es-

te ano. Somente os 2 bilhões de dólares que vierem a exceder as projeções anteriores, correspondem a 1 por cento do PIB. E esse saldo de poupança externa pode ser empregado para reaquecer o mercado interno, facilitando-se as importações, por exemplo. Disse também Luiz Eulálio que tanto o secretário da Seap, Milton Dallari, quanto o ministro Delfim Netto, do Planejamento, sabem que se houver um aperto na política monetária, a indústria vai quebrar, daí a impossibilidade de serem feitas novas exigências ao setor.

Outro fator que ele apontou como possível contribuidor para a recuperação do mercado interno foi a reabsorção de pessoal por alguns setores da indústria. Os empregados dessas indústrias começaram a acreditar que, se elas estavam contraindo, eles não corriam o risco de uma dispensa, o que os motivou a gastar as reservas feitas para enfrentar um eventual desemprego, aumentando a demanda por bens de consumo.

ALÍVIO

De qualquer forma, reitera o empresário, o clima não é de euforia. Nós estamos longe, eu diria mesmo a anos-luz de uma inflação tolerável, mas já percebemos um certo alívio entre o empresariado, ao verificarmos que as projeções indicando queda e agravamento da recessão não se confirmaram", sublinhou.

Segundo ele, a inflação em março deve se situar entre 9 e 9,5 por cento, mas a tendência de queda vai depender do comportamento assumido pelas classes empresariais daqui para a frente, onde o fator psicológico tem grande peso. "Se mantermos este estado de espírito, a inflação deverá entrar numa curva declinante razoável", assegurou.

Questionado sobre o fato de que a Fiesp sempre criticara a política econômica vigente, mas aplaudia agora seus resultados, Vidigal argumentou que "se desde o início o Governo tivesse controlado o déficit público, não estaríamos agora no quarto ano de recessão".